

Modalidade - Tradução e equivalência

Modality - translation and equivalence

Maria Lúcia de Castro Gomes ^(a)

^(a) Coordenadora de Idiomas no Grupo Educacional Uninter. Mestre em Linguística Aplicada pela UFPR. mgomes@facinter.br.

Resumo

Este artigo pretende apresentar uma análise do recurso da modalidade e do seu uso em manuais técnicos de instrução, principalmente de língua inglesa e da língua portuguesa. Primeiramente, discute-se sobre modo e modalidade como recurso do falante para expressar idéias. Segue-se, então, uma análise sobre modalidade epistêmica e deôntica, principalmente relativa ao uso dos verbos modais da língua inglesa, com um destaque especial para a ocorrência desses verbos em textos técnicos. Levantam-se, a partir daí, os principais verbos modais da língua inglesa e também os recursos de modalidade na língua portuguesa. Finalmente, são apresentados alguns dados de uma pequena investigação sobre o uso de verbos modais em três manuais de instrução, um em inglês e outro em português, e de um outro manual multilíngüe: em inglês, português, francês e espanhol. Posteriormente, é feita uma comparação sobre a tradução entre as línguas e algumas hipóteses são levantadas com o intuito de provocar pesquisadores da área da linguística para futuros estudos.

Palavras-chave: Modalidade. Verbos modais. Tradução. Equivalência.

Introdução

Este trabalho tem o objetivo de levantar a discussão sobre o recurso da modalidade no discurso, principalmente da língua inglesa e portuguesa, em sua versão escrita, com ênfase em manuais técnicos.

Para isso, foi necessário o estudo sobre modo e modalidade, feito, principalmente, com base nos textos de PALMER (1998) e TRAVAGLIA (1985), em que se buscou definir e compreender as três formas de modalidade, segundo Palmer, a epistêmica, a deôntica e a dinâmica.

A leitura do texto de GIANNONI (2003) sobre a padronização do uso da modalidade em textos técnicos em inglês motivou uma pequena investigação de como são usados os verbos modalizadores na língua portuguesa em manuais de instrução.

Foram então analisados três manuais de instrução, um em inglês e outro em português, para comparação do uso de verbos modais e, em seguida, um manual que contém outras duas línguas, além do inglês e português, o francês e o espanhol, para uma comparação em termos de tradução.

Modo e Modalidade

Segundo TRAVAGLIA (1985), a modalidade designa a atitude do falante com relação ao seu próprio enunciado, em que explicita sua atitude psíquica em face da situação que exprime. Para BURCKHARDT (1977), “a modalidade seria um sistema que permite ao falante manifestar seu grau de convicção quanto à veracidade do conteúdo real ou hipotético de seu enunciado”. Então, a modalidade é algo que se manifesta essencialmente na atitude do falante, portanto, a subjetividade é uma marca essencial. Por assim ser, PALMER (1998) afirma que “Modality could [] be defined as the grammaticalization of speakers (subjective) attitudes and opinions”.

Tendo a modalidade um caráter essencialmente subjetivo na enunciação, sua carga semântica é bastante forte e o fator cultural pode influenciar muito sua formação nas línguas do mundo. Levando em conta o determinismo presente nos postulados de Sapir e Whorf, o sistema de modalidade da língua exerce grande influência na forma de pensar e expressar os pensamentos das pessoas de certa comunidade lingüística. Por outro lado, as teorias universalistas mostram que a possibilidade de tradução revela que as línguas têm muito em comum.

O fato é que as línguas diferem em seus sistemas modais, sejamos partidários de teorias deterministas ou universalistas. Algumas línguas apresentam a modalidade num sistema de flexão verbal, outras possuem

verbos modais, e outras ainda sofrem cliticização ou aglutinação de partículas, não necessariamente ao verbo. PALMER (1998) afirma que “Modality is marked in various ways - by modal verbs, by mood and by particles and clitics. Languages may employ one or many of these; some have very complex systems”.

Na língua portuguesa, existem formas diferentes de expressar modalidade: os chamados modos gramaticais (indicativo, subjuntivo e imperativo), verbos específicos, como **crer**, **proibir**, **temer**, **ordenar** ou, ainda, advérbios, como **talvez**, **provavelmente**, que geram dúvida (TRAVAGLIA, 1985). Na língua inglesa, a modalidade é marcada por verbos chamados verbos modais, como **must**, **may**, **can**. A distinção entre modo e modalidade é, geralmente, feita de forma diferente entre os autores. Travaglia prefere usar o termo **modalidade** como um conceito geral e **modo** como um dos meios de marcar modalidade. Palmer compara a diferença entre os dois termos da mesma forma como se diferencia “tense and time, gender and sex” (PALMER, 1998), enquanto que LEWIS (1994) divide o sistema verbal da língua inglesa em “tense, aspect and mood”.

Enfim, pode-se dizer que toda língua possui um sistema para expressar opinião ou atitude, seja em sua morfologia verbal, seja com verbos ou advérbios específicos, seja por clíticos ou partículas especiais. O importante é saber que a correspondência é possível e que pode haver equivalência para a tradução.

Modalidade epistêmica e deôntica

Um fator complicador dos sistemas de modalidade entre as línguas, principalmente para a equivalência na tradução, é a natureza polissêmica dos verbos modais nas línguas européias. Para melhor exprimir os diferentes sentidos contidos no sistema, LYONS, apud PALMER (1998), apresenta dois tipos de modalidade, a epistêmica, que se refere ao conhecimento e às crenças do falante, e a deôntica, que indica a necessidade ou possibilidade da execução de atos, pelo falante ou por outros.

Os verbos modais na língua inglesa, assim como em outras línguas, incluindo o português, o espanhol e o francês exprimem interpretações epistêmicas e deônticas, muitas vezes pelo mesmo verbo e, por isso, as diferenças são sempre definidas pelo contexto. As nuances de significados devem ser muito bem compreendidas, portanto, para uma tradução eficaz.

Apesar da ambigüidade de alguns verbos para a interpretação quanto ao seu sentido epistêmico ou deôntico, é possível, na análise do contexto, separá-los, em termos da carga semântica, no que diz respeito às noções de possibilidade e necessidade, permissão e obrigação, certeza, e pedido. Embora as mesmas formas possam ser usadas para ambos os sentidos de modalidade, geralmente há uma clara distinção entre o uso deôntico ou epistêmico.

Segundo PALMER (1998),

Although the same modal verbs may be used in English for both epistemic and deontic modality, and although it is an interesting question why they have both uses, in general the distinction is quite clear; so sentences with MAY, MUST, etc. may be ambiguous in terms of the distinction, but they are not vague.

LYONS, apud PALMER (1998) aponta também para as relações lógicas entre possibilidade e necessidade. “Ser necessário que não” ou “não ser necessário que”, ou ainda, “ser possível que não” ou “não ser possível que” são relações que fazem a negação dos verbos modais diferente de qualquer outro verbo na maioria das línguas.

Em inglês, por exemplo, *must* indica obrigação ou necessidade, mas a não obrigação não é dada por *must not*, que indica proibição, ou obrigação de não fazer algo. Para explicar essas relações, Palmer apresenta os seguintes exemplos:

He may be there. / He may not be there. / He can't be there.

A segunda sentença significa que “é possível que ele não esteja lá” e a terceira que “não é possível que ele esteja lá”. Com *must* não se pode fazer

essa relação e a negativa só pode ser dada por *may* e *can*. Os exemplos de Palmer são:

He must be there. / He can't be there. / He may not be there.

Quando há um julgamento positivo para uma proposição negativa, usa-se *can't*, e para um julgamento negativo de uma proposição positiva, usa-se *may not*.

Outro ponto bastante complicado para tradutores é a variedade de graus de possibilidade. Em inglês, na modalidade epistêmica, *must* indica a confiança do falante na verdade do que está dizendo. Já *may* e *might* expressam dúvida, sendo que o segundo demonstra dúvida maior que o primeiro. Palmer afirma que existe ainda um terceiro grau de modalidade epistêmica, apresentado por *will*.

It could be argued that *may* indicates a possible judgment, *will* a reasonable judgment and *must* the only possible judgment. If this is so, *will* falls between weak *may* and strong *must* (PALMER, 1998).

Esse uso epistêmico de *will*, no entanto, segundo Palmer, não se confunde com o futuro, também expresso por esse modal. Nas línguas românicas, a futuridade é marcada morfologicamente, enquanto que em inglês é expressa em *will*, mas em espanhol e português coloquial esses tempos verbais já não são usados além do grau de modalidade epistêmica. O verbo *ir*, em ambas as línguas, juntamente com o infinitivo do verboprincipal, é usado para indicar o futuro.

Assim como na modalidade epistêmica, há também uma relação de modalidade deontica forte e fraca, novamente expressa em inglês pelos verbos *may* e *must*, o primeiro dando a idéia de permissão e o segundo exprimindo obrigação.

Palmer propõe uma terceira modalidade, além da deontica e da epistêmica, chamada pelo autor de dinâmica, que está relacionada com habilidade e disposição.

Nesses três tipos estariam contidas, assim, as idéias de **informação** em relação à verdade de uma proposição e o **comprometimento** do falante em relação à informação (modalidade epistêmica); à **ação** do falante ou de outros, em forma de **exigências, recomendações e permissões** (modalidade deontica); e um terceiro sentido relacionado ao sujeito e suas **habilidades ou vontades**, não com opinião ou atitude do falante (modalidade dinâmica). GIANNONI coloca o uso de *will* para previsão e de *have to* para necessidade, também, na lista da modalidade dinâmica.

Isso tudo pode fazer da modalidade um problema, principalmente para a comunicação escrita, conforme GIANNONI, 2003:

While semantic fuzziness is dealt with easily in conversational use, it can be a source of serious misunderstanding in written communication, especially if the purpose is strict compliance with a set of requirements. Insofar as they may elicit a given behavior on the reader's part, texts in this class - e.g. laws, regulations, rules and instructions - are generally of the "directive" type and resort above all to deontic modality. This category includes industrial standards, which (albeit not compulsory in their own right) may be incorporated or referred to in contracts and legislation, sometimes leading to litigation for lack of compliance.

Em seu trabalho, GIANNONI (2003) apresenta um estudo sobre a tentativa de padronização dos verbos modais da língua inglesa por agências reguladoras.

Uma tentativa de padronização

Com o objetivo de levantar uma discussão sobre a tentativa de normatização do uso dos verbos modais do inglês em textos técnicos, GIANNONI oferece uma análise detalhada do complexo sistema semântico-pragmático desses verbos.

O autor inicia seu artigo apresentando os motivos para tal tentativa de padronização, que se resumem na importância da clareza na redação de manuais de instrução e de regulamentações, e, subsequentemente, mostra algumas definições.

O ponto alto do trabalho de Giannoni está na análise da política de utilização dos verbos modais constantes no guia de uso do CEN (*European Committee for Standardization*), e das dificuldades encontradas pelos redatores em seguir tais normas, visto que, muitas vezes, não são falantes nativos da língua inglesa. O autor chega à conclusão de que disciplinar o uso dos verbos modais em inglês não é tarefa fácil, mas necessária para a eficácia da comunicação. Sugere então que acadêmicos e empresários estabeleçam uma parceria para o desenvolvimento dessa comunicação.

Os verbos modalizadores em inglês e em português

LEWIS (1994) apresenta, com fins pedagógicos apenas, uma primeira lista de verbos modais, como as palavras que podem preencher o espaço *He come*. Essa lista consta de: *can, could, shall, should, may, might, will, would e must*. Mas, citando Palmer, que diz que o sistema dos verbos modais em inglês é bagunçado, acrescenta à lista: *ought to, need, dare e have to*.

GIANNONI (2003), em sua análise das normas para uso dos verbos modais em inglês, em textos técnicos, apresenta uma lista em que constam as seguintes formas de modalidade encontradas em amostras de textos técnicos: na modalidade deontica, para exprimir necessidade (exigência/recomendação) - *shall, should, is to*, imperativo; para exprimir possibilidade (permissão) - *can, need not e may*; na modalidade dinâmica, para expressar possibilidade - *can, may e could*; para necessidade - *have to*; e para previsão - *will*; e, finalmente, na modalidade epistêmica, para expressar inferência - *can, may, could e might not*. O verbo modal *must* não está incluído na lista. Há uma discussão sobre a inconsistência no uso desse auxiliar e sobre a sua inclusão/exclusão nos manuais de padronização.

NEVES (2000) aponta dois tipos de modalidade em português, a epistêmica e a deontica, e oferece vários exemplos, a maioria deles com os verbos *poder* e *dever*. Esses dois verbos podem indicar necessidade e possibilidade epistêmicas (inferências feitas pelo falante, a partir do conhecimento de um fato), e necessidade e possibilidade deonticas,

referindo-se, respectivamente, à obrigatoriedade e permissão. A autora inclui ainda a modalidade habilitativa, com os verbos *poder* ou *saber*. Quanto às expressões de volição, manifestadas pelo verbo *querer*, aponta para uma posição diferente desse verbo se comparado à modalização epistêmica ou deôntica, mas não menciona a modalidade dinâmica.

TRAVAGLIA (1985), por sua vez, apresenta uma relação bem mais complexa das noções modais. São elas: certeza, prescrição, obrigação, necessidade, volição, intenção, possibilidade e probabilidade. Os exemplos demonstram as mais diversas formas de expressão, seja com verbos como *dever* e *poder*, seja por expressões como *é preciso* ou *é possível*, ou ainda por um advérbio como *talvez*. Uma nota importante nas descrições de Travaglia trata do verbo *dever*:

As frases com o auxiliar *dever* têm sempre duas interpretações: uma de necessidade outra de probabilidade. Assim os exemplos [] podem ter tanto a modalidade de necessidade quanto a de probabilidade. Somente o contexto nos permite saber se temos uma ou outra. É bom observar que uma frase como: “Devem ser quatro horas” só terá uma interpretação de necessidade num contexto muito especial. (TRAVAGLIA, 1998)

Esse fato faz lembrar as normas das agências reguladoras descritas por GIANNONI (2003), citadas no item anterior, que em sua maioria não incluem o modal *must* em seus guias de redação técnica.

Em traduções de textos da língua inglesa para a língua portuguesa, o uso do modal *must* traz alguma dificuldade para os tradutores, e maiores problemas se manifestam quando do uso de *can*, *may* e *might*, que costumam ser sempre traduzidos pelo mesmo verbo no português, o verbo *poder*.

Os modais em manuais de instrução

Dada a curiosidade pela utilização de verbos modais em textos técnicos em língua inglesa e língua portuguesa, e devido à inspiração dos estudos de GIANNONI, decidiu-se, então, empreender uma breve investigação

acerca desses elementos. Com o objetivo de analisar a frequência de uso de verbos modais nesses textos, três manuais de instrução de aparelhos eletrônicos foram pesquisados: um em língua inglesa, outro em língua portuguesa e outro multilíngüe.

A investigação constou de uma contagem dos verbos modais e uma análise da idéia que eles representavam no contexto. Foi feita também uma checagem do uso desses verbos em voz ativa ou passiva.

O manual em português, de aproximadamente 50 páginas, contém 40 verbos modais, sendo eles assim distribuídos:

MODAL	Nº de ocorrências
pode	16
poderá	15
deve	01
deverá	08

As idéias por eles expressadas estavam assim distribuídas:

IDÉIA TRANSMITIDA	Nº de ocorrências
permissão/proibição	04
possibilidade	19
necessidade	08
habilidade	09

Quanto à voz, aproximadamente metade das sentenças aparece em voz ativa e a outra metade em voz passiva.

O manual em inglês, também com aproximadamente 50 páginas, com quantidade de texto e com formato muito parecidos com os do manual em português, apresenta 132 verbos modais, assim distribuídos:

MODAL	Nº de ocorrências
should	11
may	20
must	20
can	34
will	46
could	01

As idéias expressadas pelos modais foram muitas, e usadas com diferentes tipos de verbos. Pode-se resumir em:

	POSSIB	FUTURID.// PREVISÃO	HABILID.	NECES.	RECOM.	PERMIS/ PROIB.
could	01	-	-	-	-	-
may	14	-	-	-	-	06
can	06	-	20	-	-	06 + 02

						(neg.)
must	01	-	-	19	-	-
will	-	46	-	-	-	-
should	-	06	-	-	05	-

Um fator desse levantamento que também vale comentar é o uso de voz ativa em 12 dos verbos modais, enquanto que apenas 20 deles aparecem na voz passiva. Essa é, talvez, a diferença mais marcante entre o discurso do texto em português e o texto em inglês. O primeiro faz um uso muito maior da estrutura em passiva, 50% dos modais. Em inglês, apenas 15% das sentenças com modais está na passiva.

Na seqüência das comparações entre os dois manuais, no que se refere à utilização de modais, outro fato relevante é a recorrência desse tipo de verbo no texto em inglês. Algumas possíveis razões para isso podem ser sugeridas. Primeiro, a maior variedade de verbos modais na língua inglesa concede ao redator maiores possibilidades de discurso. Em segundo lugar, a falta de flexão para o futuro em inglês dá ao modal *will* uma utilização muito freqüente nesse tipo de texto, que vai inserir idéias de previsibilidade e de condicionante. Uma terceira razão que parece ser importante, mas que não foi considerada nesta investigação, é uma tendência maior dos manuais de língua portuguesa ao uso do modo imperativo, para indicar exigência e recomendação, recurso mais escasso no discurso em língua inglesa. Um elemento comum entre os dois textos é o uso desses verbos nas modalidades deônticas e dinâmicas.

Nesse ponto da análise, fez-se necessário experimentar uma breve investigação num manual multilíngüe, para comparar os usos de verbos modais em línguas diferentes.

A tradução de manuais

CATFORD (1965), *apud* RODRIGUES (1999) afirma que o problema central da prática da tradução consiste em encontrar equivalentes de tradução da LF (língua-fonte) para a LM (língua-meta). Hoje, com o relacionamento constante entre as nações, principalmente no âmbito do comércio de produtos, a tradução de textos técnicos vem a ser uma fonte de trabalho para muitos profissionais da área das letras. No Brasil, já existe também uma preocupação com a proteção lingüística para maior compreensão por parte do consumidor, segundo análise de OLIVEIRA (2002):

Para que a informação não apenas alcance o consumidor, como também seja devidamente compreendida pelo mesmo, é fundamental que ela esteja redigida no idioma pátrio. E ainda não basta. É, também, necessária, a utilização de termos lingüísticos claros e de fácil compreensão, evitando-se linguagem técnica e redação rebuscada, de difícil compreensão pelo consumidor médio.

Com a maior movimentação de produtos importados, a tradução de textos, principalmente da língua inglesa para o português é mais freqüente, fato esse que traz um novo campo de pesquisa para a área da lingüística.

Por assim ser, nesta investigação selecionou-se um manual multilíngüe - em inglês, português, francês e espanhol - a fim de comparar as ocorrências. Cada idioma toma 16 páginas do manual e o resultado das quantidades de verbos modais usados e a sua tradução é o seguinte:

MODAIS EM INGLÊS		TRADUÇÃO PARA PORTUGUÊS		TRADUÇÃO PARA ESPANHOL		TRADUÇÃO PARA FRANCÊS	
can	09	poder	08	poder	08	pouvoir	05
may	05	poder	04	poder	03	Pouvoir/ devoir	01 01
will	02	-	-	-	-	-	-
must	02	dever	02	deber	02	devoir	02
should	01	dever	01	-	-	-	-
TOTAIS	19		15		13		09

Na comparação entre as línguas, nessa pequena amostra, pode-se observar uma forte tendência à tradução de *may* e *can* para o mesmo verbo nas três línguas românicas (*poder/poder/pouvoir*) e também de *must* para *dever/deber/devoir*. As três línguas apresentam formas variadas para a tradução de *will*, que nesse texto também foi usado para expressar previsibilidade. Na totalização, pode-se notar um uso maior dos verbos em língua portuguesa para expressar modalidade do que nas outras duas línguas românicas.

Conclusão

Essa amostra pode ser insignificante para a verificação de tendências discursivas, mas parece servir para levantar hipóteses a respeito do uso de verbos modais em linguagem técnica e despertar o interesse de pesquisadores para uma investigação aprofundada no tema.

A modalidade é um recurso lingüístico que parece existir na grande maioria das línguas, mas os sistemas diferem em seus formatos e formas de

expressar as idéias pela modalidade, seja no sistema gramatical, seja no léxico.

A necessidade de clareza na expressão escrita, principalmente nos textos técnicos, tanto na redação original, quanto na tradução, pode ser um ponto importante e um foco relevante para estudiosos da linguagem.

Referências

- BURCKHARDT, I. **Os Modais Poder e Dever . Critérios de Auxiliaridade.** Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Letras, na Universidade Federal de Santa Catarina, 1977.
- GIANNONI, D.S. **.Auxiliary verbs shall be used consistently.: Standardization and modality in directive texts.** Università Degli Studi di Bergamo, 2003.
- LEWIS, M. **The English Verb.** LTP Teacher Training, 1994.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de Usos do Português.** São Paulo, Editora Unesp, 2000.
- PALMER, F. R. **Mood and Modality.** Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge University Press, 1998.
- OLIVEIRA, A. F. **Os Direitos Lingüísticos dos Consumidores Brasileiros.** Palestra proferida no I Seminário Interamericano sobre Gestão das Línguas, em Quebec, Canadá, em agosto de 2002.
- RODRIGUES, C.C. **Tradução e Diferença.** São Paulo, Editora Unesp, 1999.
- TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no Português. A Categoria e sua Expressão.** Universidade Federal de Uberlândia, 1985.